



RECORTES DE IMPRENSA DEZEMBRO 2012



COM O APOIO:





'Violência Doméstica' debatida em Gouveia, no dia 5 de Dezembro

No próximo dia 5 de Dezembro vai ter lugar em Gouveia, um workshop sobre 'Violência Doméstica', promovido pelo Município gouveense, em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). O evento, que irá decorrer a partir das 14.00 horas, no auditório da Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira, propõe-se "**proceder a uma análise participada e integrada do fenómeno quer ao nível da caracterização, quer ao nível da intervenção**".



Durante a sessão serão abordados diversos conteúdos com destaque para os processos que permitem compreender o fenómeno da violência doméstica e os procedimentos a desenvolver quando na presença de casos. Especificando, a formação irá abordar os seguintes conteúdos: '*Compreender: violência doméstica*' (conceitos e contextos; aspectos relevantes da dinâmica da violência doméstica; factores de risco e abrangência da violência doméstica); e '*Proceder: violência doméstica*' (apoio à vítima de violência doméstica: o essencial; confidencialidade e segurança; trabalho multidisciplinar e em rede).

Esta acção de formação é destinada ao público em geral com particular relevância para professores, educadores, técnicos das áreas da saúde e da acção social. ■



Campaign against domestic violence

CAMPAIGN || The government has launched a new campaign against domestic violence; the aim is to raise awareness about the impact of domestic violence on children who witness the crime.

The campaign was launched by the Commission for Gender Equality (CIG) and marked the International Day for the Elimination of Violence against Women on November 25.

According to a survey undertaken by the *União de Mulheres Alternativa e Resposta*

(UMAR), more than 30 Portuguese women have been killed so far this year as a result of domestic violence; a higher figure compared to the whole of 2011 when 27 women were killed. However, the number of complaints to the police has decreased this year; believed to be as a result of the crisis, which is forcing women to tolerate abuse due to the lack of financial resources.

In a statement to the press, the government informed that the 2011 figures of the Internal Security Annual Report show that 41.5% of domestic violence cases reported to the police authorities had been witnessed by children.

The Portuguese Association for Victim Support (APAV) has also had a vital role in raising awareness about the problem, by displaying disturbing pictures in posters to encourage victims of domestic violence to report the crime to the police.



A poster by APAV



ID: 45029233

03-12-2012

Programa 4D: O que é? Onde? Porquê? Que objetivo?

Mais uma atividade, mais esclarecimentos para informar e formar adolescentes e jovens na caminhada do crescimento

Já noticiámos sobre interessantes e úteis atividades desenvolvidas pelo Programa 4D na nossa escola. Mas 4D o que é exatamente? Merece a pena gastarmos um pouco do nosso precioso tempo para perceber que se trata de um programa adotado e traduzido do The Fourth R, criado nos Estados Unidos no âmbito da prevenção para a saúde nas suas diversas dimensões e que, por isso, tomou o nome 4D em português. Dimensões? As do desenvolvimento saudável mental, físico e social.

A prevenção é a palavra chave para a compreensão global do projeto que em Portugal está entregue à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

A ESDR quis associar-se a uma iniciativa que promove naturalmente o crescimento integral do indivíduo, comprando os direitos de implementação do programa a ser ministrado, de há três anos a esta parte, no nono ano de escolaridade, na disciplina de Cidadania.

Célia Figueiredo, professora de Ciências Naturais, aceitou ser a coordenadora interna do programa, nos últimos dois, e que tem vindo a dinamizar de forma



Os colaboradores, os docentes e, claro, "the last but not the least", OS NOSSOS ALUNOS...

visível e meritória a problemática que subjaz a todo o programa, com a organização de sessões de esclarecimento com inúmeros convidados ligados ao projeto. Uma das sessões várias já agendadas aconteceu na semana de 12 a 16 de novembro.

A ESDR contou com a presença da presidente Maria José Raposo da Associação Umar que veio dar forma à sessão de esclarecimento "Violência no namoro". No decurso da sessão, as turmas de 9º ano puderam informar-se so-

bre a própria associação que a dinamizadora representa assim como sobre os sinais de violência que por vezes surgem no seio do próprio par e que não é seguramente só física, podendo até ser mais grave, de teor: psicológico, económico e sexual ou ainda Stalking (perseguição).

Estar esclarecido é a melhor forma de se não deixar cair em situações como as bem esclarecidas e que, como referiu a convidada Maria José, muitas vezes acabam em homicídios (ou tentativas)

conjugais que têm aumentado sensivelmente na estatística feita de 2007 a 2011. A palestrante apelou a todos que recusassem qualquer tipo de violência pessoal ou sobre os outros e que, numa primeira fase, a medida a tomar é pedir ajuda aos mais próximos, todavia, a UMAR/APAV tem a sua porta aberta para apoiar e provar que a VIOLÊNCIA nunca é o caminho para a felicidade, mas sim o respeito integral pela vida. Os agradecimentos e votos de continuação do bom trabalho. ♦

Lintas assina campanha para a APAV

5 de Dezembro de 2012 às 13:50:49, por [PEDRO DURÃES](#)

"A violência doméstica não tem que ser para sempre". É este o claim da nova campanha da Associação de Apoio à Vítima (APAV), cujo desenvolvimento criativo esteve a cargo da Lintas, agência de publicidade do grupo Ativism. Com presença em televisão, rádio, imprensa, exterior e internet, a campanha arranca no próximo dia 7 de Dezembro e conta com spots televisivos produzidos pela Take it Easy, com sonorização da Ameba e pós produção da LightFilm/Grupo Nova Imagem. O planeamento de meios é da responsabilidade da Ignition Ativism.

Artigos relacionados:

1. [Winicio assina campanha para Valorfito](#)
2. [APAV com campanha internacional assinada pela Cupido](#)
3. [Snord assina campanha para a Galp](#)
4. [Depois do não é para parar, diz a APAV](#)
5. [Fullsix assina campanha de mupis com Brio](#)



briefing

O agregador do marketing

INÍCIO MARKETING PUBLICIDADE MÍDIA COMUNICAÇÃO OPINIÃO ENTREVISTAS

O agregador do marketing • Comunicação • Cupido e Lintas assinam campanhas da APAV (com vídeos)

Cupido e Lintas assinam campanhas da APAV (com vídeos)

05 dezembro 2012



A Cupido e a Lintas assinam as duas mais recentes campanhas da APAV – Associação Portuguesa e Apoio à Vítima. A primeira foi ontem apresentada e visa alertar os jovens para a violência, a segunda centra-se na violência doméstica e estará no ar na próxima sexta-feira.

A campanha assinada pela Cupido, patente em televisão, rádio, imprensa, mupis e internet, pretende transmitir informação dirigida aos jovens, alertando-os para as situações de risco de violência na rua, como membros de grupos e nas redes sociais.

O mote da campanha parte da premissa de que os jovens vivem cada vez mais dependentes da tecnologia, estando sempre conectados a partilhar informação, e que acabam, muitas vezes, por ignorar o que se passa no mundo real. Nesse sentido, a Cupido quis fazer um wake up call numa campanha que tem como protagonistas Ricardo Sá e Micaela Lupo, ex-atores da famosa série 'Morangos com Açúcar'.

Sendo igualmente apresentado na Suécia e na Escócia, o projeto inclui o desenvolvimento de uma aplicação para smartphones que estará integrada com as redes sociais.

Campanha para prevenir violência nos jovens

ARQUIVO AO - EDUARDO COSTA

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lança na hoje uma campanha de sensibilização dirigida aos jovens para prevenir o seu envolvimento em situações de violência e ensinar-lhes como devem agir no caso de serem vítimas.

“A tua segurança não é um jogo. Fica ligado” é o lema da campanha, que surgiu da constatação da dificuldade que os jovens têm em pedir ajuda quando são vítimas de crime e de obter alguma informação relativamente a este tipo de situação, disse Marlene Fonseca, técnica do Projeto LEAD, promovido pela APAV.

“Entendemos que era importante estabelecer e dar informação aos jovens acerca dos vários tipos de violência de que podem ser vítimas, nomeadamente da violência de rua e a violência entre pares”.

Marlene Fonseca contou que



Campanha da APAV divulgada nos media entre diversos outros espaços

vão chegando à APAV alguns pedidos de ajuda de jovens com 15 ou mais anos, “quando já começam a ter alguma perceção da situação”.

Chegam também pedidos por

parte de instituições que trabalham com jovens, como escolas e centros de saúde, que sinalizam diversas situações de violência.

“Temos recebido alguns pedidos de violência entre colegas na

escola, questões da violência no namoro, que cada vez mais apresentam números preocupantes, mas é importante que os jovens peçam ajuda”, disse a técnica.

No caso dos jovens com idades inferiores a 15 anos é um “bocadinho mais complicado” porque não têm conhecimento do tipo de ajuda que as instituições podem prestar ou porque “são demasiado pequenos para conseguirem pedir ajuda sozinhos”.

Nesse sentido, a campanha pretende ensinar aos jovens estratégias de segurança que podem adotar para evitar ou diminuir a probabilidade de poderem vir a ser vítimas de crime.

Para divulgar a iniciativa foram construídos alguns materiais de informação, como panfletos e cartazes, um anúncio que irá passar nas televisões e nas rádios e criado um site (www.apavparajovens.pt), onde

os jovens podem pedir ajuda e recolher informação.

“Se os jovens sentirem que podem vir a ser vítimas de algum tipo de violência ou se estão, neste momento, a ser vítimas podem consultar o website da APAV e dirigirem-se à APAV ou a outra instituição para pedirem ajuda e minimizar o impacto que esta situação pode ter neles”, disse Marlene Fonseca.

A campanha irá também ser divulgada em centros comerciais, espaços noturnos e transportes públicos.

Esta campanha de informação e sensibilização foi desenvolvida no âmbito do Projeto LEAD – Informar para prevenir, promovido pela APAV e cofinanciado pela Direção-Geral da Justiça da Comissão Europeia, ao abrigo do Programa DAPHNE III, com o apoio mecénico da agência Cupido. * LUSA



>> Saber evitar os perigos da rua

Apav lança campanha "A tua segurança não é um jogo. Fica ligado".

NATACHA ALEXANDRA PASTOR
natacha.pastor@terranostira.publicor.pt

Entre 2000 e 2011 a APAV registou 7.387 processos de apoio a crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram na identificação de 11.261 crimes praticados contra menores, números que incluem dados relativos aos Açores e que motivam o arranque da campanha "A tua segurança não é um jogo. Fica ligado".

Entre estes, os crimes contra o património surgem em terceiro lugar, com uma prevalência relativamente baixa comparativamente aos crimes contra as pessoas. Este facto é indicativo dos baixos níveis de denúncia e de procura de ajuda por parte dos mais jovens perante crimes desta natureza.

Estes dados motivaram a APAV a investir na produção e na disseminação de recursos informativos dirigidos às faixas etárias mais jovens, disponibilizando, de uma forma simples, atrativa e ajustada, informação sobre violência, sobre a importância de procurar ajuda e apoio e de adotar estratégias de segurança e proteção.

A APAV apostou, por isso, no desenvolvimento de uma agenda escolar, do website www.apavpara-jovens.pt, desenvolvido pela Ideias com Pernas, e de uma campanha de informação e sensibilização.

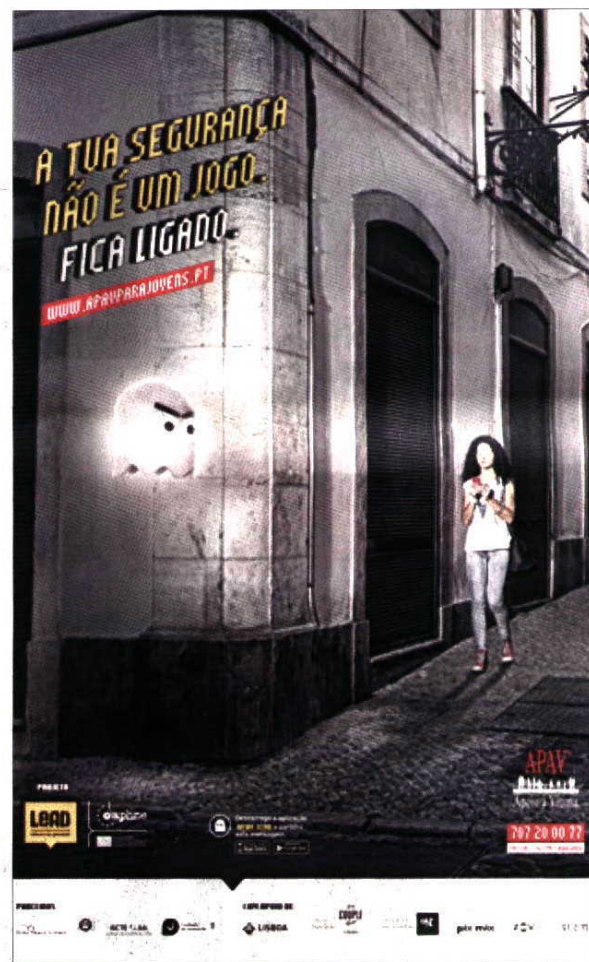
A disseminação destes produtos está já a ser realizada junto dos estabelecimentos do 2º, 3º ciclo e secundário do ensino público e privado, através do facebook, com o apoio de parceiros institucionais e dos órgãos de comunicação

social. A disseminação estender-se-á também à Escócia e à Suécia, através dos parceiros institucionais nesses países.

Esta iniciativa enquadra-se no âmbito do Projeto LEAD - *inform to prevent*, promovido pela APAV e co-financiado pela Direção-Geral da Justiça da Comissão Europeia, ao abrigo do programa DAPHNE III, envolvendo parceiros nacionais, a Fundação da Juventude e o ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, bem como internacionais, nomeadamente, o *Victim Support Scotland* (da Escócia) e a *Crime Victim Compensation and Support Authority* (da Suécia).

Esta campanha, realizada com o apoio mecenático da Cupido, conta com a participação dos jovens atores Mikaela Lupu e Ricardo Sá e procura transmitir aos mais jovens uma mensagem-chave: "A tua segurança não é um jogo. Fica ligado". Chama-se, desta forma, a atenção para os perigos que a rua pode trazer e, no sentido de os evitar, incentiva-se a adoção de comportamentos preventivos, de maior segurança e proteção.

De acordo com os dados mais recentes da APAV, em termos da



distribuição geográfica das vítimas que recorreram aos serviços da APAV em 2011, as zonas mais populacionais estão em evidência. Lisboa surge em primeiro lugar com cerca de 15%, seguindo-se Faro com 7,4%, a Região Autónoma dos Açores (4,8%) e a cidade do Porto (4,5%).

Noventa por cento das vítimas de crime tem nacionalidade portuguesa e no que diz respeito à relação da vítima com o autor do crime são as relações de conjugalidade que sobressaem face às restantes, perfazendo um total de 54% (relações atuais e anteriores). Seguem-se os filhos (10,9%) e os pais (7,6%).



ID: 45245128

13-12-2012

APAV lança campanha

"A tua segurança não é um jogo. Fica Ligado."

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançou a campanha "A tua segurança não é um jogo. Fica Ligado."

O objectivo é chamar a atenção para os perigos que a rua pode trazer e, no sentido de os evitar, incentiva-se a adopção de comportamentos preventivos de maior segurança e protecção.

Segundo a APAV entre 2000 e 2011 registaram-se

7.387 processos de apoio a crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram na identificação de 11.261 crimes praticados contra menores. Entre estes, os crimes contra o património surgem em terceiro lugar, com uma prevalência relativamente baixa comparativamente aos crimes contra as pessoas. Este facto é indicativo dos baixos níveis de denúncia e de procura de ajuda por parte dos mais

jovens perante crimes desta natureza.

Por isso, a APAV vai investir "na produção e na disseminação de recursos informativos dirigidos às faixas etárias mais jovens, disponibilizando, de uma forma simples, atractiva e ajustada, informação sobre violência, sobre a importância de procurar ajuda e apoio e de adoptar estratégias de segurança e protecção" adianta a insti-

tuição em comunicado.

Para dar corpo à campanha a APAV desenvolveu uma agenda escolar e o website: www.apavparajovens.pt.

Estes produtos vão ser distribuídos junto a estabelecimentos de ensino do 2º e 3º ciclo e do ensino secundário de todo o país.



CAMPANHA

Ricardo apoia a APAV

Ricardo de Sá, o Tomé da telenovela 'Doce Tentação' (TVI), vai ser um dos rostos de uma nova campanha da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vi-

tima) para os jovens. O actor, de 23 anos, que integrou o elenco de 'Morangos com Açúcar', lançou recentemente um novo single, intitulado 'A Viagem'.





“A tua segurança não é um jogo. Fica ligado.”

Entre 2000 e 2011 a Associação de Apoio à Vítima (APAV) registou 7.387 processos de apoio a crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram na identificação de 11.261 crimes praticados contra menores. Entre estes, os crimes contra o património surgem em terceiro lugar, com uma prevalência relativamente baixa comparativamente aos crimes contra as pessoas. Esse facto é indicativo dos baixos níveis de denúncia e de procura de ajuda por parte dos mais jovens perante crimes dessa natureza. Esses dados motivaram a APAV a investir na produção e na disseminação de recursos informativos dirigidos às faixas etárias mais jovens, disponibilizando, de uma forma simples, atrativa e ajustada, informação sobre violência, sobre a importância de procurar ajuda e apoio e de adotar estratégias de segurança e proteção. A APAV apostou, por isso, no desenvolvimento de uma agenda escolar, do *website* www.apavparajovens.pt, desenvolvido pela “Ideias com Pernas”, e de uma campanha de informação e sensibilização. Essa campanha, realizada com o apoio mecénático da Cupido, conta com a participação dos jovens atores Mikaela Lupu e Ricardo Sá e procura transmitir aos mais jovens uma mensagem-chave: “*A tua segurança não é um jogo. Fica ligado*”. Chama-se, dessa forma, a atenção para os perigos que a rua pode trazer e, no sentido de os evitar, incentiva-se a adoção de comportamentos preventivos, de maior segurança e proteção.





Crianças raramente denunciam a violência de que são alvo

ESTATÍSTICA

VÍTIMAS

► **Crianças** De acordo com os dados da APAV, 61% das crianças e jovens vítimas de crime são do sexo feminino. No ano passado, foram registados 472 crimes contra meninas e 404 do sexo masculino. No que respeita à idade, é entre os 11 e 17 anos que as vítimas estão mais expostas à violência (52,3%)

ESCOLA

► **Locais** Entre 2005 e 2011, foram praticados 186 crimes contra crianças e jovens em contexto escolar, que se traduz num aumento percentual na ordem dos 289%

CRIMES

► **Tipologia** As estatísticas mostram que a violência doméstica é o crime com maior prevalência (85,7%), seguido dos crimes contra as pessoas (12,8%). Registaram-se ainda crimes contra o património (0,7%), crimes rodoviários (0,1%) e crimes contra a vida em sociedade e Estado (0,2%)

Aumentam maus tratos psíquicos sobre menores

Campanha. Em 11 anos foram registados mais de sete mil processos. APAV quer sensibilizar os jovens a reconhecer e denunciar casos

ANDRÉ RITO

Quase 500 crianças foram vítimas de maus tratos psíquicos durante o ano passado, fruto de situações de violência doméstica entre os progenitores ou diretamente sobre a criança. Os dados são da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que entre 2000 e 2011 registou 7387 processos de apoio a crianças e jovens e que originaram mais de onze mil factos criminosos. Números que, ainda assim, não são totalmente reveladores da realidade nacional, tendo em conta os baixos níveis de denúncia e procura de ajuda por parte dos menores.

“Uma das coisas que a APAV tem vindo a notar é o baixo nível de denúncia e pedido de ajuda por parte dos jovens. Fica muito aquém da realidade vivenciada por eles”, explicou ao DN a investigadora, Marlene Fonseca, que ao longo dos últimos dois anos trabalhou diretamente com as vítimas. Essa foi uma das razões que levou a associação a promover uma campanha destinada aos mais novos, no sentido de os informar e prevenir

situações de violência. “As ideias gerais desta campanha foram discutidas com os jovens. Nada melhor do que o grupo alvo para perceber como chegar até eles”, disse João Lázaro, presidente da APAV.

A campanha, intitulada “A tua segurança não é um jogo. Fica ligado”, estava a ser preparada desde janeiro de 2011 e foi inspirada no jogo de computador Pacman, para ilustrar diferentes situações do dia a dia dos jovens, em que o crime, que no vídeo promocional é representado pelos fantasmas do jogo, pode espreitar a cada esquina. “O

jogo é um ponto de contacto entre várias gerações”, justifica João Lázaro. Por outro lado, o recurso ao jogo foi uma forma de mostrar que os jovens “andam por vezes alheados da realidade, demasiados ligados às tecnologias”.

Esta iniciativa estará disponível em diferentes plataformas (rádio, televisão, internet e cartazes) e foca três tipos de violência de que as gerações mais jovens são potenciais vítimas: as redes sociais, a violência na rua e em contexto escolar. No *site* (www.apavparajovens.pt), explica a investigadora, os menores “podem iden-

tificar alguma situação de que estão a ser alvo, já que muitos relativizam este tipo de violência e têm dificuldade em reconhecê-la”, algo que “é preciso desconstruir”. Prova disso são as queixas, raramente feitas pelas vítimas. “Muitos dos pedidos de ajuda não são feitos pelos próprios, chegam-nos pelas escolas, estabelecimentos de saúde, comissões de proteção de crianças e jovens em risco, pais, familiares, vizinhos. É preciso trabalhar muito na desconstrução destes conceitos”, disse.

Apesar de direcionada sobretudo para a violência fora do seio familiar, as estatísticas da APAV ainda mostram que é entre as quatro paredes do lar que as crianças são mais sujeitas à violência, que permanece, quase sempre, no seio da família. “Das nossas estatísticas, a mais denunciada na APAV é a violência doméstica, que é exercida direta ou indiretamente sobre as crianças – pais com filhos ou entre os próprios pais – e cujo número ronda 85% dos pedidos de ajuda. Normalmente, a partir dos 15 ou 16 anos algumas crianças já têm a iniciativa de se queixar, mas a regra é que as queixas partem dos vizinhos, escolas, comissões de proteção de menores.”

A campanha será lançada nas escolas dos 2.º e 3.º ciclos, secundário do ensino público e do privado.



Um dos cartazes da nova campanha



Maus-tratos a crianças entram já nas famílias estruturadas

● **Violência** está a aumentar e surge agora em agregados onde nunca antes se registou

● **Especialistas** afirmam que as dificuldades financeiras são o fator comum nas novas situações

● **Afirmam** também que há um enorme recuo nos indicadores de bem-estar e saúde da sociedade

Leonor Paiva Watson
leonorpaiva@jn.pt

Os maus-tratos físicos a crianças estão a aumentar drasticamente e afetam já famílias em que nunca se registou violência. Pais no limite do sofrimento provocado pela crise "acabam a fazer o impensável".

Deolinda Barata, dirigente da Sociedade Portuguesa de Pediatria (SPP), quebrou o silêncio e foi diretamente à ferida: os maus tratos aumentam e atingem famílias onde nunca tal tinha acontecido. "Os pais vivem num sofrimento, numa angústia e numa ambivalência enormes. Querem dar o básico, como comida e vestuário, mas não têm como. Acabam desesperados, impacientes e a fazer o impensável", retrata.

Aquela dirigente garante que são cada vez mais os casos de famílias de classe média nesta situação e não tem pejo em afirmar que "os cortes que se estão a fazer afetam áreas que deveriam ser intocáveis". Deolinda Barata diz, ainda, que vê regressar ao país "uma realidade hedionda e muito preocupante", que já não se via há 30 anos.

Números a crescerem

Os números - já avançados pelo JN - também não deixam margem para grandes dúvidas. Só no primeiro semestre deste ano, as comissões de proteção de menores estavam a trabalhar em 37.112 processos, mais 400 do que em todo o ano de 2011. A violência aumenta e é transversal.

Regra geral, começa entre os cônjuges e acaba nos filhos. "Há mais e em famílias onde nunca tal aconteceu. Em todos os casos, o denominador comum é a dificuldade económica. São famílias onde um já perdeu o emprego e onde o outro já tem o salário mais reduzido. São fa-



Nas novas situações encontram-se muitos casos de famílias da classe média

mílias de classe média. De professores, por exemplo", corrobora Luisa Waldherr, psicóloga da Associação de Apoio à Vitima (APAV).

Waldherr dá casos concretos. "Um pai está ao telefone a tentar resolver o corte da eletricidade, não tem como pagar as faturas e não sabe o que decidir em tão pouco tempo. No meio disto, aparece o filho e começa a fazer uma birra. O impensável vai acontecer. Se antes, numa situação parecida, o pai pegaria num braço e tirava-o dali, hoje, sobre esta pressão, vai empurrá-lo para permanecer ao telefone. Só que com o desespero da situação, não vai medir a força e vai, provavelmente, atirar a

criança contra a parede. Isto acontece. E no fio da navalha acontece a todos nós", avisa.

Um regresso ao passado

Urge, portanto, alertar os governantes, defende Deolinda Barata. "Há um recuo enorme nos indicadores de bem-estar e na saúde alcançados nos últimos 30 anos. É preciso que haja consciência disso. A crise está a destruir as famílias", apela a pediatra.

"TEMOS QUE ALERTAR PARA O FACTO DE AS FAMÍLIAS NÃO AGUENTAREM A PRESSÃO"

Uma crise que, já em 2011, atirou 24,4% da população portuguesa para uma situação de impossibilidade económica face às necessidades mais básicas, segundo o Eurostat. Número que tende a aumentar, em virtude do desemprego crescente.

Por tudo isto, vigilância precisa-se. "Por um lado, tem que alertar-se os governantes para o facto de as famílias não estarem a aguentar a pressão; por outro lado, é preciso pedir-se às famílias que tentem ter alguma calma, porque as crianças não podem ser vítimas duas vezes, ora da crise, ora dos seus pais", pediu Manuel Coutinho, psicólogo e coordenador da Linha SOS Criança.

Procurador associa aumento a maior conhecimento

O PROCURADOR da República Rui do Carmo admite que haja um aumento de casos de maus tratos e negligência a menores, decorrente da degradação das condições de vida da população, mas entende que estes dados poderão estar relacionados com o facto de atualmente existir um maior conhecimento e intervenção sobre o fenómeno.

Para o antigo procurador do Tribunal de Família e Menores de Coimbra, "houve um período em que, aparentemente, havia mais problemas do que antes, porque eles aparecem mais quando há maior capacidade de aparecer e intervir". Rui do Carmo explica que essa maior capacidade traduz-se no aparente aumento dos problemas relacionados com maus tratos, o que, muitas vezes, não corresponde à realidade. "Muitas vezes, estamos a conhecer mais e melhor o que acontecia antes e esses problemas estavam encobertos", considera.

Apesar de admitir um aumento, Rui do Carmo revela não ter, no momento, dados concretos. "Há fatores que nos podem levar a que os maus tratos aumentem. Tudo o que é depressão da situação económica e social das famílias gera violência familiar. Esse é um fator que desencadeia problemas desse tipo e, nessa medida, acredito que possamos estar a regressar", reconhece. O procurador falou ontem durante o seminário "A criança no meio hospitalar", organizado pela Liga dos Pequenininhos no Auditório do Hospital Pediátrico de Coimbra.

JOÃO PEDRO CAMPOS

66

"Está a regressar ao nosso país uma realidade preocupante e hedionda"

Deolinda Barata
Pediatra

"Os pais vivem um sofrimento, uma angústia e uma ambivalência enormes"

Luisa Waldherr
Psicóloga da APAV

"As crianças não podem ser vítimas duas vezes, ora da crise, ora dos pais"

Manuel Coutinho
Linha SOS Criança

EM NÚMEROS // A CRISE ESPELHADA NA ESTATÍSTICA

400 Casos a mais num único semestre

Só no primeiro semestre deste ano, as comissões de proteção de crianças e jovens estavam a trabalhar 37.112 processos, mais 400 casos do que em todo o ano anterior.

24,4% Da população em grande carência

Segundo dados do Eurostat, já no ano passado, 24,4% da população estava numa situação de impossibilidade económica face a necessidades básicas. O número tende a aumentar.

16,4% A previsão de desemprego para 2013

A previsão de desemprego para o ano de 2013 situa-se nos 16,4%, depois de já ter estado nos 16%. No final deste ano, este número já estará nos 15,5%.



Panorama



António Gomes foi assaltado cinco vezes e clama por mais apoio e melhor justiça Foto: Joaquim Dâmaso

Fui assaltado e agora? O drama de quem carrega as marcas da violência

Vítimas Estórias de vidas atravessadas por crimes que deixam marcas para sempre. O apoio escasseia e quem sentiu na pele a violência de um assalto, dificilmente supera o problema

Carlos S. Almeida

"Esta guerra é pior, é mais traumática". Palavra de José Manata que conheceu a guerra em Angola nos tempos de juventude e hoje, com 40 anos de atividade na área da ourivesaria, tem vários assaltos violentos inscritos nas memórias que recorrem frequentemente o assaltado.

E é essa a guerra, "civil", que não tem dúvidas em considerar mais penosa. Sobre tudo à noite. São pesadelos que o fazem reviver os momentos de aflição: quando a vida está presa por um fio, de arma apontada por quem lhe quer subtrair o ganha-pão. Este ourives da Caranguejeira é vizinho de Saul Faustino na profissão, no espaço no mercado de Leiria e no drama. O drama de conviver com as sequelas dos assaltos. "Ainda hoje sonhei com isso", confidencia Saul Faustino quatro anos depois do fatídico dia em que foi vítima de *carjacking*. Mas têm mais em comum. Ambos sofreram crimes que são traduzidos em processos que as autoridades muitas vezes arquivam. Formalmente, o caso morre nesse instante. Emocionalmente, perdura.

Saul e José são "vizinhos" de muitos outros que abruptamente viram inscritas nas suas vidas quotidianas, a anormalidade de um assalto, crime que é vivido, sofrido, em solidão.

Apresentar queixa significa inscrevê-la em papel. Nada mais. O apoio psicológico é nulo. A experiência passa a ser um património a digerir pessoalmente. Por vezes com sucesso. Um casal da Marinha Grande que se ausentou poucos minutos de casa para passear a neta, regressou a uma habitação remexida de onde foram furtadas joias e moedas de coleção. O seguro amortizou parte dos prejuízos e os 14 meses que já passaram fizeram o resto. O sobressalto inicial esmoreceu, a experiência é agora pouco mais que uma história para contar. "Quando há violência, certamente que é pior", admite um dos elementos do casal. E provavelmente terá razão, ainda que os especialistas evitem fazer essa relação direta (ver texto ao lado).

Esquecer é o melhor remédio?

"Nem gosto de falar nisso, queremos esquecer", con-

fidencia uma familiar próxima de um empresário da Batalha que há cerca de um ano foi sequestrado no seu próprio carro, roubado, agredido e abandonado a dezenas de quilómetros de distância. Também aqui não houve apoio: "O remédio é seguir em frente". Mas estes casos "deixam mazelas, todos os dias recordamos os acontecimentos", admite António Gomes, ourives na Marinha Grande, com cinco assaltos inscritos com violência no currículo. "Não estou contra os agricultores que recebem indemnizações [em caso de intempérie], mas os comerciantes que pagam impostos deviam ter auxílio perante estas situações", diz. Financeiro e psicológico, completa. José Manata tem as razões similares. Na filigrana da memória, acrescentou ao stress pós-traumático que herdou da guerra colonial, a tormenta dos assaltos. Paga impostos, mas os crimes que sofreu - públicos por definição - são privados nas consequências: as seguradoras deixaram de assumir o risco e o impacto psicológico é um fardo só seu.

carlosalmeida
@regiaodeleiria.pt

Retrato do crime

19

O ano passado, as polícias registaram quase 19 mil crimes no distrito de Leiria e concelho de Ourém. De acordo com o portal estatístico Pordata, são 18.802 crimes. E, naturalmente, esse volume de crimes implica a existência de um alargado universo de vítimas.

4.327

Leiria destaca-se no valor absoluto de crimes registados, com um total superior a quatro milhares. Em 1993, essa cifra fora ligeiramente superior a três milhares, o que representa um crescimento na ordem dos 40 por cento.

10%

Os furtos em residência representam cerca de um décimo dos crimes registados pelas polícias na região. Em 2011 foram contabilizados 1.877 no distrito e no concelho de Ourém. Em 2001, registaram-se menos de um milhar.

Sinais de alerta de um problema que se pode transformar em trauma

Se a vítima de um crime persistir em não conseguir ultrapassar o primeiro impacto emocional, tudo indica que o caso necessita da ajuda de um profissional. "Se passar um período significativo, mais de duas ou três semanas, e os sintomas tenderem a não desaparecer e mesmo a aumentar, deve ser procurada ajuda", alerta Micael Agostinho, psicólogo leiriense que acaba de concluir uma tese de doutoramento na área do stresse pós-traumático (SPT).

E quais são os sinais de alerta? Reviver a situação traumática por pensamentos e sonhos, é um deles. Mas não só. O aumento do ritmo cardíaco e transpira-

ção sem motivo aparente e o desencadear de uma resposta de alarme ao mínimo estímulo, "são sinais de que a situação não foi digerida em termos emocionais". O caso pode já ter culminado num quadro de stresse pós-traumático: grave distúrbio de ansiedade originado por um trauma emocional.

As estatísticas referem que, mais cedo ou mais tarde, sete em cada dez portugueses vão estar confrontados com uma situação traumática. E 43% deverão estar sujeitos a duas ou mais situações traumáticas ao longo da vida. A uma minoria situada entre os cinco e os dez por cento, o stresse pós-traumático acaba por ser diagnosticado. No

caso das mulheres, a ocorrência de situações traumáticas é estatisticamente menor, mas a vulnerabilidade ao trauma é mais acentuada, refere Micael Agostinho.

Desengane-se quem achar que o trauma depende da violência do crime a que a vítima está sujeita. O psicólogo Carlos Lopes Pires sublinha que a situação não é assim tão linear. O SPT "pode ser desencadeado em pessoas que assistiram, viram, leram ou a quem foi contada" uma situação violenta. Há uma série de fatores que podem contribuir para o desencadear do problema psicológico e este especialista desmistifica a ideia de que o tempo apaga todas as

sequelas: "a memória emocional nem sempre se apaga e até se incrementa". Aliás, sublinha, no SPT "as recordações do impacto emocional tendem a ser maiores que o original, são amplificadas". E se a vítima sentir culpa ou vergonha pelo que lhe aconteceu, o caso agrava-se.

Micael Agostinho considera que num cenário ideal, quando as vítimas de crimes são recebidas pelas autoridades policiais, deveriam ter ajuda especializada para lidar com a situação. Carlos Lopes Pires sugere que, no mínimo, à vítima fosse entregue um folheto que a ajudasse "porque as pessoas nem sempre entendem o que se passa com elas".

“



De noite estamos a dormir e temos tiques e sonhamos com a situação. É que já tive uma arma encostada ao peito. Tenho trabalhado a vida inteira e de nada me vale"

José Manata
ourives



Depois dos assaltos sonha-se e chora-se. O mal está feito, não temos apoio e temos de superar. A pessoa fica completamente desorientada. São situações que não se esquecem e ainda esta noite sonhei sobre isso"

Saul Faustino
ourives

Total de crimes registados pelas polícias

	1993	2011	Variação %	Crimes por mil habitantes (posição ranking nacional)
Batalha	232	623	168,5	77º
Leiria	3087	4327	40,2	120º
Marinha Grande	1195	1673	40	45º
Pombal	1147	1575	37,3	184º
Porto de Mós	350	806	130,3	133º
Alvaiázere	182	236	29,7	141º
Ansião	137	274	100	266º
Castanheira de Pera	62	101	62,9	152º
Figueiró dos Vinhos	121	199	64,5	144º
Pedrógão Grande	144	172	19,4	42º
Alcobaça	1033	2081	101,5	99º
Bombarral	171	569	232,7	46º
Caldas da Rainha	1527	2289	49,9	40º
Nazaré	418	678	62,2	35º
Óbidos	227	503	121,6	48º
Peniche	834	1172	40,5	50º
Ourém	1004	1524	51,8	132º

Fonte: Pordata

Vítima de crime? Há ajuda do outro lado da linha

O primeiro passo pode ser um simples telefonema. "Não ter com quem desabafar pode provocar uma sensação de raiva e desconforto", refere Natália Cardoso, gestora do gabinete de apoio à vítima de Coimbra. Mas a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) - que integra este serviço que a partir de Coimbra abrange a região Centro - faz mais que meramente ouvir as vítimas de crimes. O apoio psicológico, aconselhamento jurídico e até, em casos extremos, o encaminhamento do processo, caso existam comprovadas necessidades financeiras, contam-se entre as capacidades deste serviço. Natália Cardoso admite que os serviços da APAV na zona Centro têm sido pouco solicitados para casos de crimes patrimoniais, mas lembra que até nessas situações o apoio para a ví-

tima pode fazer sentido. "Nem sempre as pessoas sabem que podem pedir ajuda", refere. Mas podem. "Todos os crimes deixam mazelas emocionais", pelo que a ajuda pode ser preciosa e a APAV pode prestá-la. O apoio à vítima está mais associado a situações de crimes violentos e sexuais, mas o leque de situações que podem contar com apoio é bem mais largo. Esta responsável reconhece que as autoridades policiais estarão mais cientes da necessidade de encaminhar aquele tipo de vítimas para gabinetes de apoio: "há um trabalho de sensibilização a fazer junto das autoridades", diz. O certo é que para um primeiro contacto, a vítima de crime pode recorrer ao número nacional 707 2000 77 ou então para ao gabinete de apoio à vítima em Coimbra: 239 781 545/6.



ID: 45169485

10-12-2012

Hoje é Dia Internacional dos Direitos Humanos

Direitos das mulheres continuam a ser violados

Ana Rita Leal

Passados 64 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, as mulheres continuam a não ter os mesmos direitos que os homens, e diariamente surgem queixas nas associações do distrito de Setúbal, de pessoas que precisam de ajuda, porque viram negados os direitos que em tempos conquistaram.

Hoje comemora-se o Dia Internacional dos Direitos Humanos. A data assinala o aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, publicada há 64 anos, e que defende os direitos e liberdades de todos os cidadãos, entre eles, o direito à liberdade de pensamento e de expressão, e à igualdade perante a lei.

“O século XX foi de grandes conquistas para as mulheres, mas no século XXI temos vindo a retroceder, perdendo o direito ao trabalho, devido a políticas da União Europeia, e que Portugal tem adoptado”, referiu Regina Marques, dirigente do Movimento Democrática das Mulheres (MDM). A mesma acrescentou que “hoje temos uma discriminação salarial muito maior do que há doze anos atrás”.

“Os direitos das mulheres estão a ser violados e é preciso mudar de políticas”, salientou Regina Marques, adiantando que “a pobreza



está a alastrar e hoje já existe fome em Portugal, o que constitui um desrespeito aos direitos humanos, pois todos precisamos de comer”.

O MDM tem a missão de “alertar as mulheres para exigirem os seus direitos e reivindicarem políticas diferentes”, porque com este retroceder a que temos assistido “a sociedade vai outra vez provocar na mulher uma condição de subalterna”.

O papel da mulher na nossa sociedade “é o de uma cidadã de

pleno direito, e estas devem defender os seus direitos, que são humanos e fruto da luta de muitas mulheres em Portugal e no mundo”, concluiu a dirigente do MDM.

Em 2010, o gabinete da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) de Setúbal registou 391 crimes contra as pessoas, o património, a vida, a sociedade e o estado, e de violência doméstica, sendo Almada o concelho que tem uma percentagem mais elevada de crimes que atestam os Direitos Humanos.

“A maioria das pessoas que aqui

recorrem são mulheres que sofrem de violência doméstica”, disse Sónia Reis, gestora do Gabinete da APAV de Setúbal. “Este ano ainda não chegou ao fim e já recorreram aos nossos serviços cerca de 500 pessoas”, reafirmou Sónia Reis, assegurando que “se trata de uma questão cultural, a mulher sempre foi um sexo mais fraco”.

“Apoiar as vítimas de crime, as suas famílias e amigos, com um serviços de qualidade, gratuito e confidencial” é a principal missão da APAV, que contribui “para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima”. A faixa etária que recorre ao gabinete de apoio à vítima “centra-se entre os 26 e os 45 anos”.

Embora os direitos humanos sejam um tema cada vez mais presente no discurso ético, social e político da sociedade contemporânea, eles não são uma questão recente.

Uma carta proclamada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, a 10 de Dezembro de 1948, define os direitos do Homem. Esta carta fala dos direitos fundamentais, civis, políticos e sociais, que devem gozar todos os seres humanos, sem discriminação de raça, sexo ou nacionalidade.

Portugal é, desde 1974, uma democracia e a Constituição da República Portuguesa reconhece e protege os Direitos Humanos.

Cães usados para proteção de vítimas de violência doméstica

Defesa. Uma associação galega treina cães para proteger mães e crianças. Associação nacional aplaude iniciativa

LUÍS GODINHO, Évora

Durante anos, o casamento de Maria foi um "inferno" marcado por agressões, ameaças e uma tentativa de violação. Quando decidiu pedir ajuda e sair de casa, passou a ser perseguida pelo ex-marido, agredida e humilhada no estabelecimento comercial onde trabalhava. A justiça condenou o homem a uma pena de dois anos de prisão, recentemente confirmada pelo Tribunal da Relação de Évora, mas suspendeu a sua aplicação por idêntico período. Apesar da condenação, Maria, que entretanto se transformou numa pessoa "nervosa, insegura e receosa", continua a ter de lidar com a possibilidade de se cruzar na rua com o ex-marido, que permanece em liberdade.

Para dar resposta a estes casos mais graves, uma associação galega para a defesa das vítimas de violência doméstica (Asociación Ve-la luz) e Octavio Villazala, treinador de cães, iniciaram um projeto-piloto em que os cães são treinados para defender mulheres e crianças. A experiência iniciou-se na Corunha e será alargada a outras regiões espanholas antes de ser "exportada" para outros países. Portugal pode estar na linha da frente para receber esta nova solução de proteção às vítimas, reconhece uma das associações nacionais.

"Entregámos há três meses o primeiro cão depois de um exame exaustivo à vítima. Estamos a trabalhar com mais sete animais, de forma avançada, para garantir as próximas entregas. Prevemos que em 2013 estejam a ser utilizados 20 com estas funções", diz Octavio Villazala ao DN. "O uso de cães como meio dissuasório e como escolta é eficaz, uma vez que permanecem ao cuidado das vítimas 24 horas por dia, oferecendo vigilância permanente e apoio terapêutico às mulheres e aos respetivos agregados familiares em que, em muitos casos, existem filhos menores que também sofrem maus tratos", acrescenta.

Helena Costa, da Associação de Apoio à Vítima (APAV), refere que a experiência em curso na Galiza pode vir a revelar-se eficaz. "Vamos ver o resultado dessa experiência, mas tudo o que seja um mecanismo novo de defesa para estas mulheres e para estas crianças é bem-vindo. Se nesta fase ex-



Tratadores estão a trabalhar com mais sete animais para garantir próximas entregas

perimental mostrar resultados positivos pode ser usado a favor desta causa, pode ser mais uma forma de defesa."

Considerando que o recurso à pulseira eletrónica é "eficaz" para garantir a segurança da vítima, uma vez que obriga o agressor a ficar confinado a um determina-

do espaço físico, Helena Costa reconhece que se trata de uma solução que nem sempre pode ser aplicada: "Imagine, por exemplo, que o agressor vive a cem ou a 200 metros da vítima. Nesse caso é difícil de supervisionar e não há tempo de resposta por parte das autoridades."

Segundo a coordenadora da APAV nos Açores, surgem também casos de vítimas que dizem que apenas se sentiriam seguras se o agressor estivesse em prisão preventiva. "A pulseira eletrónica é claramente favorável, mas cada caso é um caso." Além da defesa face a uma possível agressão, Helena Costa acrescenta que a utilização de cães especificamente treinados para proteger vítimas de violência "pode representar uma mais-valia em termos de sentimento de segurança para estas mulheres e crianças".

Poucos casos de prisão efetiva
Maria Macedo, da Associação de Mulheres contra a Violência (AMCV), diz não ter conhecimento de nenhuma experiência deste tipo em Portugal, apesar de existirem casos individuais em que as vítimas recorrem a animais domésticos como forma de proteção. "Estamos a acompanhar uma família que utiliza um pitbull para se proteger, mas isso é uma estratégia individual e nunca se poderá adaptar a todas as vítimas."

Maria Macedo lamenta que os

tribunais não decidam mais vezes mandar os agressores para a prisão: "Na maior parte das vezes as mulheres ficam aflitas porque mesmo depois do julgamento o risco mantém-se, porque os agressores continuam em liberdade."

"Só em situações muito extremas é que os tribunais se decidem pela prisão efetiva. A maior parte das condenações dá origem a uma pena suspensa", constata, embora reconhecendo que nos últimos meses o recurso à utilização de pulseira eletrónica tem vindo a aumentar. Segundo dados do Ministério da Justiça, estão a ser aplicados 103 mecanismos de fiscaliza-

ção eletrónica da proibição de contactos entre agressor e vítima no âmbito do crime de violência doméstica, número esse que duplicou em relação ao ano passado.

"É um dos instrumentos para proteger as mulheres, mas não é a solução para todos os casos. Há agressores para quem a existência da pulseira não impede nada", acrescenta Maria Macedo, recordando o caso de uma mulher apoiada pela AMCV que, apesar de se encontrar num refúgio para vítimas de violência doméstica e de ter sido incluída no programa de vigilância eletrónica, continuava a ser perseguida.

Animais treinam impulsos defensivos

CONVIVÊNCIA O pastor-alemão e o pastor-belga (Malinois) são as duas raças de cães que, segundo Octavio Villazala, melhor se adaptam a ser utilizados para proteção de mulheres vítimas de violência doméstica. "São cães pastores muito compatibilizados com o ser humano, convivemos há séculos." Além disso, acrescenta o treinador, têm um "grau médio de reatividade (impulso defensivo)", o que os torna adequados para "qualquer ambiente", sem que a sua presença represente um risco para as pessoas que rodeiam a vítima.

A formação destes animais começa com uma "seleção exaustiva" dos cachorros, em que se valorizam parâmetros como o temperamento e o carácter. O treino específico inicia-se pouco depois: "A partir do quinto mês de vida começamos a transmitir normas de convivência-tipo, como sentar ou deitar, e especialmente o trabalho de sociabilidade em diferentes ambientes." O objetivo é que o animal desenvolva reações defensivas, mas com uma preocupação permanente: "O cão não é uma arma, mas um meio de dissuasão."

AGRESSÕES

3683 VÍTIMAS

► A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) prestou em 2011 auxílio a 3683 vítimas de violência por parte do cônjuge ou do companheiro. O número corresponde a uma média superior a dez casos por dia.

85% DE CASOS

► A violência doméstica corresponde a 85% dos crimes chegados à APAV. Além de homicídios e tentativas de homicídio, foram reportados casos de maus tratos físicos e psíquicos, ameaças e violações.

27 HOMICÍDIOS

► A União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) registou no ano passado um total de 27 mulheres assassinadas em contexto da conjugalidade e relações de intimidade. O número de tentativas de homicídio ascendeu a 44.



Município de Gouveia promoveu workshop

Violência doméstica: um tema que já não é novo...

No passado dia 5 de Dezembro, decorreu na Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira, nesta cidade, um workshop sobre 'Violência Doméstica', iniciativa promovida pelo Município de Gouveia, em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Como salientou Laura Costa, vereadora do executivo camarário gouveense, na abertura dos trabalhos, "esta iniciativa surgiu na sequência do Ciclo de Conferências anteriormente promovido pelo Município e que abordou diversas temáticas". Desta vez, a opção recaiu sobre "um tema muito pertinente como é a violência doméstica", acrescentou a mesma responsável, perante uma plateia maioritariamente constituída por professores, educadores, técnicos das áreas da saúde e da acção social e militares das forças de segurança. A definição deste público-alvo teve à ver, como sublinhou Laura Costa, com a circunstância de "algumas destas pessoas, por força da actividade que exercem, poderem detectar alguns casos de violência doméstica, alertando para a ocorrência dessas situações".

Laura Costa anunciou ainda que, já a partir de Janeiro, irá ser retomada a realização de confe-



Ana Raquel Simão, da APAV, e a vereadora Laura Costa na abertura do workshop realizado na Biblioteca Municipal.

rências, provavelmente nos moldes anteriores - com a realização de sessões nas tardes de domingo - e com a abordagem a novas temáticas.

"Falar sobre violência doméstica é cada vez mais pertinente", defendeu depois Ana Raquel Simão, membro da APAV e oradora convidada da sessão, admitindo que "este tema está um pouco associado à precariedade social", mas sublinhando que "não é a crise que potencia a violência doméstica".

Exercendo a sua actividade

no âmbito da APAV, na cidade de Coimbra, Ana Raquel Simão disse que "cerca de 80% dos casos que nos chegam têm a ver com violência doméstica exercida sobre mulheres", embora admitindo que também há homens vítima desse fenómeno.

Depois de lembrar a campanha lançada pela APAV, a 25 de Novembro último, no Dia Internacional Contra a Violência Doméstica, a mesma responsável lembrou que o fenómeno "não é novo, mas tem tido mais visibilidade na comunicação social pelo facto de alguns desses casos culminarem com mortes. Parece algo novo e que está na moda, mas não é", acrescentou.

"Todos conhecemos alguém que passou por isto", referiu Ana Raquel Simão, alertando para a necessidade "percebermos como podemos ajudar ou encaminhar as pessoas que são vítimas de violência doméstica", sendo um dos vários objectivos daquele workshop que teve uma duração aproximada de quatro horas.

'Compreender: violência doméstica' (conceitos e contextos; aspectos relevantes da dinâmica da violência doméstica; factores de risco e abrangência da violência doméstica); e 'Proceder: violência doméstica' (apoio à vítima de violência doméstica: o essencial; confidencialidade e segurança; trabalho multidisciplinar e em rede), foram as temáticas posteriormente desenvolvidas durante este workshop. ■



Violência Doméstica

A Violência Doméstica continua a merecer destaque diariamente na comunicação social pelos piores motivos. Este ano já foram assassinadas, em Portugal, 33 mulheres (mais 6 do que em igual período no ano passado). Encontram-se detidos em Estabelecimentos Prisionais (a viver à custa dos nossos descontos) para cima de 320 agressores. Por estes e outros motivos a Comissão para a Igualdade do Género (CIG) e a Associação Portuguesa de Apoio



à Vítima (APAV) lançaram duas campanhas de sensibilização anti Violência Doméstica. Das várias imagens que aparecem nesses Vídeos, a que mais me impressiona é esta que aqui apresento. Quando ainda a “arca devia cheirar a bolos” como se costumava dizer, já existem o conflito e a violência descontrolada.

Estas campanhas estavam previstas no III Plano Nacional para a **Violência Doméstica** que vigora entre 2011 e 2013.

Então, dada a importância do tema, vamos debruçar-nos um pouco mais sobre algumas das suas características. A violência doméstica funciona como um sistema circular isto é, percorre um determinado caminho voltando sempre ao início, sem parar. Chama-se a este percurso o **ciclo da violência doméstica** – que apresenta três fases:

1.ª Aumento da tensão: as tensões acumuladas pelo/a agressor/a criam um ambiente de perigo iminente para a vítima que é, muitas vezes, considerada sua causadora. Sob qualquer pretexto o/a agressor/a direcciona para a vítima todas as suas tensões. E os pretextos podem ser simples situações do quotidiano, como exemplo, acusar a vítima de não ter cozinhado ou cozinhado com sal a mais, de ter chegado tarde a casa ou a um encontro, de ter amantes, etc.

2.ª Ataque violento: o/a agressor/a maltrata, física e psicologicamente a vítima (homem ou mulher), que procura defender-se, esperando que o/a agressor/a pare e não avance com mais violência. Este ataque pode ser de grande intensidade, podendo a vítima por vezes ficar em estado bastante grave, a necessitar de tratamento médico, ao qual o/a agressor/a nem sempre permite o acesso imediato.

3.ª Apaziguamento ou lua-de-mel: o/a agressor/a, depois de a tensão ter sido direccionada sobre a vítima, sob a forma de violência, manifesta-lhe arrependimento, pede desculpas pelo seu comportamento e promete que não vai voltar a acontecer... Apresenta justificações como por exemplo ter corrido mal o dia, ter-se embriagado ou consumido drogas; pode ainda invocar o comportamento da vítima como motivo para o seu descontrolo. Para reforçar o seu pedido de desculpas pode tratá-la(o) com delicadeza e tentar seduzi-la(o), fazendo-a(o) acreditar que, de facto, foi essa a última vez que se descontrolou.

Este ciclo é vivido pela vítima com uma grande confusão de sentimentos: medo, esperança e amor. **Medo**, em virtude da violência de que é alvo; **esperança**, porque acredita no arrependimento e nos pedidos de desculpa que têm lugar depois da violência; **amor**, porque apesar da violência, podem existir momentos positivos no relacionamento.

O ciclo da violência doméstica caracteriza-se pela sua continuidade no tempo, isto é, pela sua repetição sucessiva ao longo de meses ou anos, podendo ser cada vez menores as fases da tensão e de apaziguamento e cada vez maior e mais intensa a fase do ataque violento. Em situações limite, o culminar destes episódios chega a ser o homicídio. É importante dizer que muitas vezes as mulheres são ameaçadas de morte se revelarem serem vítimas de agressão por parte dos seus companheiros.

Em redor deste tema, existem ainda muitos **mitos e preconceitos**, que estão longe de



Portal da Amizade

Por
Dr.ª Corina Lopes



ser uma realidade. Vamos enunciar alguns:

A mulher sofre porque quer, senão já o tinha deixado - a mulher maltratada pode não dispor de meios económicos, coragem, apoio familiar e/ou social para se poder afastar;

As mulheres sentem-se dependentes - muitas vezes a mulher não tem apoios para abandonar o local com os filhos e/ou tem medo de os perder assim como o direito à habitação de família, caso a abandone;

A mulher fez alguma coisa para... Nada justifica a violência, nem ninguém tem o direito de maltratar;

O homem tem desculpa porque tem problemas ou estava embriagado - a agressão é punida por lei; o tipo violento quase sempre reincide;

Entre marido e mulher ninguém deve meter a colher - enquanto problema social e crime público todos podem denunciar;

Quanto mais me bates mais gosto de ti - muitas mulheres vivem em permanente estado de terror físico e mental;

É preciso aguentar para bem dos filhos - a separação dos pais pode não causar tanto sofrimento à criança quanto os maus-tratos à mãe.

Segundo dados divulgados no IV Congresso Português de Sociologia os agressores são principalmente homens e as vítimas de violência doméstica são sobretudo mulheres. Sendo assim, vamos analisar uma breve descrição do perfil do agressor, enquanto homem, e, da vítima, enquanto mulher.

Em geral, o homem violento apresenta algumas características comuns: “alcoólismo (álcool não só como circunstância, mas como hábito); desemprego (nível ocupacional reduzido); baixa auto-estima; depressão; aumento da violência; entre 40% a 50% dos agressores, vivenciaram situações de maus-tratos desde criança; precocidade (surtem algumas reacções durante a juventude que fazem prever como irá ser o futuro). Para os outros os agressores podem parecer responsáveis, dedicados, carinhosos e cidadãos exemplares. Muitas vezes o homem sente-se culpado, prometendo à companheira melhorias em relação ao futuro. No entanto, não consegue modificar-se e, em consequência, renova o sentimento de culpabilidade, bebe e agride a novamente.

Quanto às vítimas, são na sua maioria mulheres. As crianças são também vítimas ainda que não sejam agredidas directamente: ao testemunharem a violência entre os pais, as crianças aprendem a violência como um modo de estar e de viver e, na idade adulta, poderão reproduzir o modelo, para além de que a violência lhes provoca sofrimento emocional e problemas comportamentais.

Apesar de alguns autores afirmarem que não existe um perfil típico para as vítimas, em Portugal apresentam algumas características comuns. São geralmente, envergonhadas, caladas, incapazes de reagir, conformadas, passivas, emocionalmente dependentes e deprimidas.

Recorde-se que a legislação prevê apoios no arrendamento de casas para as vítimas e o seu afastamento em relação ao agressor, ajuda ainda na transferência de emprego, que muitas vezes é necessária e o direito à urgência nos pedidos de Rendimento Social de Inserção, assim como acesso preferencial a formação profissional. Existem Casas Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica que são absolutamente sigilosas. O agressor só sabe onde a vítima está, se esta o pretender.

Por outro lado, os suspeitos de agressão podem ser detidos fora de flagrante delito, o que não acontecia anteriormente. A Lei prevê medidas de coação para o agressor como já vimos em semana anterior. Nas 48 horas seguintes à apresentação de queixa este não poderá ficar na residência do casal nem contactar com a vítima.

Mais uma vez deixo um contacto que pode ajudar – 800 202 148. A chamada é gratuita.





Violência doméstica

Viseu → Pedidos de ajuda aumentam no Núcleo de Atendimento às Vítimas de Viseu



Emília Amaral

A meio deste ano, o Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica (NAVVD), do Distrito de Viseu já tinha mais atendimentos do que no ano passado. Esta realidade divulgada no seminário “Olhares sobre a Violência Doméstica”, que o NAVVD promoveu na passada sexta-feira revela, por um lado, que há cada vez mais vítima a recorrer ao núcleo, mas também um trabalho de divulgação que tem estado a ser feito a nível distrital.

O NAVVD registou este ano 137 atendimentos. No mesmo período foram atendidas 130 vítimas de violência doméstica, um número que aumentou em relação a 2011 em que se atenderam 85 vítimas.

Na sessão que decorreu ao longo do dia no auditório do Instituto Português do Desporto e Juventude de Viseu, os vários intervenientes defenderam que o combate à violência doméstica

só terá frutos se houver um trabalho em rede entre as várias entidades envolvidas. “Se este trabalho não for efetuado em rede vale zero”, sublinhou o subcomissário da PSP de Viseu, António Moita. Uma dica mais tarde reforçada pelo tenente coronel, Paulo Fernandes da GNR de Viseu, lembrando que na maioria dos casos fazem o seu trabalho de investigação, de acompanhamento e de detenção quando se justifica, mas depois “não é conhecida a sentença dos agressores”.

Num sinal de alerta para os hospitais, Cláudia Mateus da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género lembrou que “é através das urgências que mais casos são sinalizados” porque “é a grande porta de entrada” das vítimas.

Nas sete freguesias do concelho de Viseu e Lamego, sob a alçada da

PSP, os dados revelados mostram que o crime por violência doméstica “aumentou substancialmente em 2011” estabilizando em 2012. A PSP registou este ano (até novembro) 161 denúncias, tendo havido duas detenções. De acordo com os dados, a vítima continua a ser em maior número do género feminino.

Os dados do comando

territorial da GNR de Viseu complementam que “o distrito não se afasta dos 500 crimes por ano desde 2008”, no entanto, o ano com mais crimes de violência doméstica foi 2010 com 567 crimes. Este ano já foram registados 525 crimes.

A GNR, que cobre toda a restante área do distrito, através do núcleo de investigação e apoio, adian-

ta que Viseu é o concelho que apresenta mais crimes de violência doméstica (183 em 2010, 153 em 2011 e 137 em 2012). Logo a seguir surge o concelho de Lamego (128 em 2010, 120 em 2011 e 119 em 2012). Santa Comba Dão (108 em 2010, 112 em 2011 e 107 em 2012), Moimenta da Beira (82 em 2010, 81 em 2011 e 80 em 2012) e Mangualde (66 em 2010, 68 em 2011 e 82

em 2012) são os concelhos que aparecem imediatamente abaixo na lista de crimes por violência doméstica. Mangualde é mesmo o concelho que está a registar este ano uma subida relativamente aos dois anos anteriores. Ana Paula Marques, diretora do Núcleo de Intervenção Social da Segurança Social de Viseu confirmou que são os concelhos mais preocupantes em matéria de violência doméstica

A maioria das vítimas tem entre 25 e 40 anos e é do sexo feminino.

Segundo os representantes das forças policiais, os números registados em Viseu seguem a tendência nacional. Os dados preliminares do Observatório de Mulheres Assassinas indicam que até 21 de novembro tinham sido assassinadas 36 mulheres, quando no ano passado foram mortas 27.

Emília Amaral

emilia.amaral@jornalcentro.pt

Violência contra idosos está a aumentar

→ O crime de violência contra idosos, aumentou 158 por cento entre 2000 e 2011. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e a Direção-Geral da Saúde lançaram este ano uma campanha de sensibilização para prevenir e combater este tipo de crime, mas as autoridades policiais confirmam que essa realidade é visível no terreno. “A dimensão da criminalidade masculina tem aumentado e isso preocupa-me pela dimensão da idade”, revelou Paulo Fernandes da GNR de Viseu. Os números mostram que 90% dos crimes de violência doméstica acontecem entre cônjuges ou situações análogas, mas logo a seguir vêm os crimes contra ascendentes (pais, padrastos e avós), tendo-se registado 34 casos este ano no distrito de Viseu segundo os dados da GNR.

O envelhecimento da população associado ao isolamento, o facto de haver cada vez mais idosos a tomarem conta de outros idosos, burlas e ‘homejacking’, em que as pessoas estão em casa e são brutalmente agredidas, são algumas das causas apontadas para esta realidade. António Moita da PSP de Viseu divulgou que a polícia no seu trabalho de acompanhamento pós-vítima registou este ano 38 casos de vítimas que contactaram a PSP “no âmbito de uma palavra amiga”. EA

Núcleo cria centro de acolhimento temporário em Viseu

O Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica (NAVVD), do Distrito de Viseu vai avançar com a criação de um Centro de Acolhimento Temporário para Mulheres, na cidade de Viseu. A confirmação saiu do seminário “Olhares sobre a Violência Doméstica”.

Carlos Aparício, presidente da Casa do Povo de Abraveses, a entidade ges-

tora do NAVVD anunciou que a candidatura efetuada há cerca de ano e meio foi finalmente aprovada. O Centro de Acolhimento para Mulheres Vítimas de Violência Doméstica vai servir para acolher vítimas em risco, ajudando-as a começar uma nova vida longe do agressor.

Carlos Aparício acrescentou aos jornalistas que o projeto prevê o financiamento

de 130 mil euros destinados ao Centro de Acolhimento Temporário e à divulgação do NAVVD fazendo com que o projeto se estende a mais concelhos do distrito de Viseu.

No mesmo seminário, o vice-presidente da Câmara Municipal de Viseu, Américo Nunes adiantou que a autarquia aprovou uma dotação de 150 mil euros destinados à aquisição de apar-

tamentos que, depois de restaurados servirão para acolher vítimas de violência doméstica de forma temporária.

Américo Nunes salientou que a experiência do executivo concluiu que na maior parte dos casos as vítimas, na maioria mulheres, não saem de casa porque não têm condições para alugar uma outra habitação, “o que mais pesa no orçamento fa-

miliar”.

As iniciativas da Câmara de Viseu e do NAVVD são projetos distintos, mas Carlos Aparício reconhece que se complementam.

“Pode haver aqui uma conjugação de esforços. Nós temos 130 mil euros para gastar e se tivermos que alugar uma casa já vamos ter menos dinheiro para outros apoios”, reconheceu.

O presidente da Casa do Povo de Abraveses adiantou que vai apresentar a ideia à Câmara Municipal para a criação de uma parceria em que a autarquia disponibilize as instalações temporárias e o NAVVD faça todo o trabalho complementar.

Américo Nunes também mostrou abertura para que o investimento da Câmara seja “complementar ao núcleo distrital”.



APAV elege sucessor de Joana Marques Vidal

A ASSOCIAÇÃO Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) está a eleger os órgãos sociais para o triénio 2013/2015. A única lista candidata é liderada por Álvaro Laborinho Lúcio, para a mesa da Assembleia Geral, Manuel Ferreira Antunes, para o Conselho Fiscal, e João Lázaro para a Direção. Este último, caso a lista receba os votos suficientes, vai substituir Joana Mar-

ques Vidal, entretanto nomeada procuradora-geral da República. João Lázaro, que ocupou o cargo de vice-presidente na direção anterior, desempenhava já as funções de diretor executivo. A votação só será dada por concluída na terça-feira devido aos votos por correspondência. Atualmente a APAV conta com 430 associados com direito a voto.



APAV apela à denúncia de casos de violência sobre idosos

Justiça
Graça Barbosa Ribeiro

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) concluiu, com base num estudo de opinião realizado em Novembro, que as pessoas estão sensibilizadas para os crimes cometidos contra os idosos mas não os denunciam junto das autoridades ou de instituições de apoio, uma situação que a APAV quer ver alterada.

“Tal como aconteceu no caso dos maus tratos a crianças e à violência sobre as mulheres, cada um terá de assumir o seu papel na protecção dos mais velhos, denunciando os casos em que estes são vítimas”, apela Maria Oliveira, assessora técnica da associação.

Os resultados do Barómetro APAV/Intercampus sobre a percepção da criminalidade e insegurança, que hoje são apresentados em Lisboa,

indicam que dos 373 inquiridos que declararam ter conhecimento de violência ou crime exercidos contra pessoas idosas, apenas cerca de 6,7% disseram ter denunciado a situação.

No total, foram ouvidas 804 pessoas acerca de vários tipos de violência sobre idosos. Destes, 10,4% afirmaram ter conhecimento de pelo menos um caso em que um idoso foi alvo de insultos, ameaças ou agressões no interior da sua própria residência; 24% disseram conhecer situações de burla ou extorsão; 1,7% declararam saber de pessoas sujeitas a uma intervenção ou tratamento médico sem consentimento; e 12% que conheciam casos de internamento de idosos em instituições contra a sua vontade.

Maria Oliveira frisa que os telefonemas feitos para a linha de apoio da APAV (707 200 077) são gratuitos e confidenciais.



10% conhecem um idoso agredido

► Estudo da APAV revela dados sobre criminalidade ► Um em cada 10 dos inquiridos admite conhecer casos de violência ou crimes contra idosos

Uma em cada dez pessoas diz conhecer um idoso que foi para uma instituição contra vontade. Também 10% dizem conhecer “alguma pessoa idosa alvo de insultos, ameaças ou agressões no interior da sua própria residência”. Os dados são do barómetro Criminalidade e Insegurança, realizado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

O estudo procurou perceber qual a perceção dos inquiridos relativamente a aspetos sociais e de segu-

Conclusões



- 86% concorda que as famílias têm cada vez menos tempo para cuidar dos familiares idosos;
- 84% acredita que o sentimento de insegurança é maior entre os idosos;
- 80% sente que aumentaram as situações de violência e crime contra as pessoas mais idosas.

rança sobre a população mais idosa e determinar o conhecimento pessoal de agressões ou abusos sobre aquela população. O estu-

do mostra que do total dos inquiridos, “12% afirma ter conhecimento de casos em que uma pessoa idosa foi acolhida numa

instituição contra vontade”. No entanto, dos 373 inquiridos que declararam ter conhecimento de violência ou crime exercido contra pessoas idosas, apenas cerca de 7% denunciou a situação. Quem denunciou, fê-lo, em 68 casos à PSP, 28 à GNR, em 8 dos casos à APAV e também em 8 dos casos à Segurança Social.

O inquérito revela ainda que cerca de 24% conhece ainda, pelo menos, uma situação de burla ou extorsão sobre idosos.



População com mais idade está mais vulnerável e há menos sensibilidade para os seus problemas, diz associação

Idosos obrigados a viver em lares que não querem

Estudo. APAV denuncia casos de pessoas acolhidas em instituições ou sujeitas a tratamentos médicos sem consentimento, o que confirmam em inquérito. Provedoria tem mais queixas

CÉU NEVES

Há idosos que são operados e internados em lares sem o seu consentimento, uma situação que não é legal. A denúncia é da Associação de Apoio à Vítima (APAV) e tem por base um estudo que hoje será apresentado sobre "Criminalidade e Insegurança" na população idosa. Doze por cento dos inquiridos conhecem idosos acolhidos numa instituição contra vontade e 1,7% revelam casos em que as pessoas foram operadas ou receberam tratamentos médicos sem o seu consentimento.

Os resultados do barómetro APAV/Inter-campus reforçam a existência de um problema de que vão tendo noção nos gabinetes de apoio, "mas as pessoas não estão sensibilizadas para denunciar as situações, nem os próprios", explica Maria Oliveira, técnica da APAV. "Temos queixas de idosos que são sujeitos a intervenções médicas e internamentos em lares sem o seu consentimento, o que é ilegal", diz.

São os filhos, irmãos e familiares próximos que, perante as instituições, dizem ser os responsáveis desses cidadãos, que os obrigam a ir

para um lar, situação que mais tarde os próprios acabam por revelar em conversa durante as visitas. Aliás, depois disto há familiares que veem recusada a entrada na instituição de acolhimento por alguém que se afirma o tutor. "Isso é um sequestro, não podem ser impedidos de receber visitas. Estamos a falar de pessoas com autonomia e capacidade para decidir", sublinha a técnica da APAV.

A legislação portuguesa é clara no que respeita à autorização do idoso. Num relatório da Entidade Reguladora da Saúde sobre o consentimento informado, a jurista Paula Vítor sublinha que "a pessoa idosa é um adulto, e, por isso, com capacidade de gozo e de exercício reconhecidas pela ordem jurídica". Nos casos em que se poderá "evidenciar uma capacidade di-

minuída", isso tem de ser confirmado quer por relatórios médicos e sociais quer por decisão judicial.

Maria Oliveira aconselha as instituições a ouvirem a pessoa que vai ser internada ou sujeita a uma intervenção médica e, se quem o acompanha disser que está incapacitado para tomar uma decisão,

isso deve ser comprovado por uma decisão judicial e depois de avaliados relatórios sociais e médicos. Consoante o caso, o Tribunal nomeará um tutor (equivalente a um pai) ou curador (equivalente a gestor). E, mesmo assim, terá de reunir o conselho familiar para tomar decisões. A lei n.º 25/2012 instituiu o procurador dos cuidados de saúde.

A saúde e a relação com as instituições são temas constantes nas ligações para a Linha Idoso da Provedoria de Justiça. Até finais de outubro, registaram 2686 chamadas,

sendo que 4,2% se relacionavam com lares e maus tratos em instituições. Nem todas se referem a problemas, mas quando o fazem é, sobretudo, por "administração indevida de medicamentos a fim de induzir sonolência nos idosos, ilegalidade de funcionamento, número insuficiente de funcionários, trato pouco adequado, falta de higiene e o acordar a partir das 05.00 e que poderá estar relacionado" com falta de pessoal.

O Barómetro APAV/Inter-campus, realizado pela terceira vez, é hoje apresentado nas instalações da associação. Entrevistaram 804 pessoas entre 19 e 30 de novembro. Três em cada quatro inquiridos são de opinião de que a sociedade não está preparada para lidar com os problemas de insegurança, criminalidade, de saúde e sociais das pessoas mais velhas. Uma situação grave, já que 86% justificam que as famílias têm cada vez menos tempo para cuidarem delas quando são um grupo muito vulnerável: 84% dizem que aumentou a insegurança e 80% as situações de violência e os crimes.

Resultados que levam os dirigentes da APAV a reforçar as campanhas de proteção aos idosos.

4 PERGUNTAS A...

"O poder social é o que mais pesa"



JORGE GRAVANTA
Psicólogo

Porque é que parece que os mais velhos perdem direitos, nomeadamente o de tomar decisões, mesmo quando têm condições para isso?

Em primeiro lugar é uma questão de poder social. Depois há a representação social das próprias pessoas, como um todo, ativas, trabalhadoras, seres que estão sempre na plenitude. O que, de alguma forma, também cria excluídos. Assim, quando os idosos deixam de ter condições para se manter na plenitude e ficam do lado de fora do mundo do trabalho deixam de corresponder à imagem de pessoa completa e deixam de lhes ser reconhecidos alguns direitos.

O que é que pesa mais neste processo?

O poder social é o que mais pesa. Se for uma pessoa com relativo poder social, a questão não se põe. Temos alguns idosos já grisalhos que continuam a decidir por si e pelos outros. A questão põe-se com pessoas mais fragilizadas socialmente, que perdem poder de decisão. Por isso, muitas vezes nos lares aparentam estar na mesma condição que as crianças abandonadas.

Este ano comemorou-se o Envelhecimento Ativo. É uma ferramenta importante para evitar situações destas?

Não temos de fazer do idoso uma pessoa jovem. Mas podemos dar-lhe um lugar e permitir que transmita o seu conhecimento. No fundo, temos de lutar contra a perda de contacto entre gerações.

Os mais velhos têm mais dificuldade em adaptar-se às mudanças? Isso realça o sentimento de insegurança?

As pessoas adaptam-se e até se conformam. De acordo com a forma de ser há diferentes formas de envelhecer. Mas a menor capacidade de adaptação vem apenas da menor capacidade de intervir no meio. Quando se encontram numa situação de desfavorecimento têm mais dificuldade em conseguir alterar e superar as circunstâncias.

PATRICIA JESUS

792
processos
na APAV relacionados com idosos, um aumento de 158,3% em dez anos

2,7
mil chamadas
recebidas até 31 de outubro na Linha do Idoso, tantas como no ano de 2011

19%
população portuguesa
tem 65 ou mais anos de idade, segundo os Censos 2011

**ESTUDO DA APAV REVELA**

Um em cada dez idosos agredidos

■ Uma em cada dez pessoas conhece um idoso que foi insultado, ameaçado ou agredido dentro de casa, ou que foi acolhido num lar contra a sua vontade, revela um estudo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Segundo os dados da APAV, ontem apresentados em Lisboa, a maioria (73%) dos casos foram os familiares os responsáveis pelo acolhimento dos idosos em instituições. De registar ainda que uma em cada três pessoas conhece um idoso que foi assaltado. ■C.S./J.S.



APAV apela à denúncia de casos de violência sobre idosos

A direção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) concluiu, com base num estudo de opinião realizado em Novembro, que as pessoas estão sensibilizadas para os crimes cometidos contra os idosos, mas não os denunciam junto das autoridades ou de instituições de apoio, uma situação que a APAV quer ver alterada.

“Tal como aconteceu no caso dos maus-tratos a crianças e à violência sobre as mulheres, cada um terá de assumir o seu papel na proteção dos mais velhos, denunciando os casos em que estes são vítimas”, diz Maria Oliveira, assessora técnica da associação.

Os resultados do Barómetro APAV/Inter-campus sobre a perceção da criminalidade e insegurança, que foram apresentados ontem em Lisboa, indicam que dos 373 inquiridos que declararam ter conhecimento de violência ou crime exercidos contra pessoas idosas, apenas cerca de 6,7% disseram ter denunciado a situação.

No total foram ouvidas 804 pessoas acerca

de vários tipos de violência sobre idosos. Destes, 10,4% afirmaram ter conhecimento de pelo menos um caso em que um idoso foi alvo de insultos, ameaças ou agressões no interior da sua própria residência; 24 % disseram conhecer situações de burla ou extorsão; 1,7% declararam saber de pessoas sujeitas a uma intervenção ou tratamento médico sem consentimento; e 12% que conheciam casos de internamento de idosos em instituições contra a sua vontade.

No inquérito, e ainda no mesmo capítulo, estavam questões sobre casos de assalto ou agressão de idosos e situações de furtos ou danos em veículos de que aqueles fossem proprietários. Responderam ter conhecimento deles 29,7% e 11% dos inquiridos, respetivamente.

Maria Oliveira frisa que os telefonemas feitos para a linha de apoio da APAV (707 20 00 77) são gratuitos e confidenciais.



ID: 45327378

20-12-2012

Dados revelados por inquérito da APAV

Muitos idosos internados em lares à força

DR

Uma em cada dez pessoas conhece um idoso que tenha sido acolhido numa instituição contra a sua vontade e conhece uma pessoa idosa que tenha sido insultada, ameaçada ou agredida dentro da sua casa. Os dados, apresentados ontem, são do barómetro Criminalidade e Insegurança, realizado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) com a colaboração da Intercampus, e são resultado de 804 entrevistas feitas entre 19 e 30 de novembro a pessoas com 15 ou mais anos de idade, residentes em Portugal Continental.

O estudo da APAV mostra

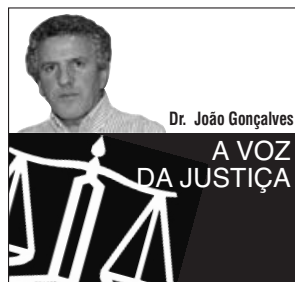


Idosos. Uma em cada dez pessoas conhece caso de internamento à força

que do total dos inquiridos, **“12% afirma ter conhecimento de casos em que uma pessoa idosa foi acolhida numa instituição contra vontade”**, ao mesmo tempo que 10% diz conhecer **“alguma pessoa idosa alvo de insultos, ameaças ou agressões no interior da sua própria residência”**. No que diz respeito ao acolhimento contra vontade, os dados da APAV mostram que em 73,2% dos casos ele foi feito a pedido de familiares, em 14,4% por vizinhos, 5,2% por prestadores de cuidados formais, 3,1% por amigos.

Há também uma em cada três

pessoas (30%) que diz **“conhecer alguma pessoa idosa que já tenha sido vítima de assalto ou agressão”**. Por outro lado, 11% dos inquiridos diz saber de algum furto ou danos em veículos pertencentes a pessoas idosas e 24% conhece pelo menos uma situação de burla ou extorsão sobre idosos. Apenas 1,7% diz conhecer alguém que tivesse sido alvo de uma intervenção ou tratamento médico sem consentimento. No entanto, dos 373 inquiridos que declararam ter conhecimento de violência ou crime exercido contra pessoas idosas, apenas cerca de 7% denunciou a situação.



Dr. João Gonçalves

A VOZ
DA JUSTIÇA

**Há vários anos
que venho sofrendo
maus tratos por parte
do meu marido. Vou
aguentado porque
tenho medo de fazer
queixa. Que ajuda
posso ter?**

A melhor ajuda que poderia ter era arranjar coragem para fazer a queixa, ainda que seja compreensível o seu receio. Hoje em dia a violência doméstica já é um crime público, o que quer dizer que o conhecimento ou a notícia da sua verificação pode ser suficiente para que o procedimento criminal tenha lugar. No entanto, se o comportamento do agressor não for notório, ou conhecido de alguém, a situação poderá ficar para sempre encoberta. Mas, ainda que seja um crime público, a vítima não é obrigada a apresentar queixa. E quando não o quer fazer, por receio de agravar ainda mais a situação, como parece ser o caso, resta o recurso às instituições que tradicionalmente fazem o acompa-

nhamento desta realidade. Existem centros de atendimento junto das Câmaras Municipais e de instituições religiosas, como a Cáritas, ou de associações como a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (telef. 707 200 077), a AMCV - Associação de Mulheres Contra a Violência (telef. 21 380 21 60), a UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta (telef. 21 294 21 98). Outra ajuda: 800 202 148 (apoio a vítimas de violência doméstica); 114 (linha nacional de emergência social).

Envie as questões para:

avozdajustica@correiodominho.pt

ÀS SEGUNDAS, QUARTAS E SEXTAS NA ANTENA MINHO